

desenvolvimentista de produção, consumo e acúmulo está destruindo a vida. Movimentos sociais de diversas partes do mundo vêm afirmando outras maneiras de viver e a possibilidade de sermos felizes agora, no presente, e deixarmos como herança para as futuras gerações outras referências, como as concepções de unidade e complementaridade entre seres humanos e natureza. Uma visão ecológica que supera a ideia de recursos naturais, porque a vida e os processos naturais são cíclicos e, se nós os interrompemos, eles se esgotam. Uma visão biocêntrica a partir da qual os direitos humanos sejam respeitados como complemento dos direitos de todas as espécies à vida e da própria vida seguir seu fluxo, afirmando que esse direito precisa ser ampliado e ir além da vida humana.

Os resultados da pesquisa desenvolvida na Comunidade das Pedras evidenciam que, no convívio comunitário, está garantida a relação das crianças com elementos da natureza, tanto no que diz respeito à garantia dos direitos ao meio ambiente saudável e à experiência de vida compartilhada com a biodiversidade presente na região, quanto no respeito à condição humana biofílica, de identidade e respeito pela natureza. Esta relação passa pela brincadeira e pelo trabalho, constituindo um modo de ser e estar no mundo que transcende a visão dicotômica que costuma relacionar estas categorias como antagônicas.

Na contramão dessa perspectiva que integra seres humanos e natureza, a pesquisa revela que a escola reafirma a dicotomia, na medida em que rompe com a relação de convívio, através de uma racionalidade que contribui para a representação antropocêntrica da natureza e para o afastamento das crianças dos meios em que vivem.

“A sustentabilidade depende de novos valores, pautados numa ética em que os humanos se tratem como iguais e reconheçam o valor intrínseco da flora, da fauna, das paisagens, dos ecossistemas.” (TIRIBA, 2010, p.5) Se isto parece sonho, Paulo Freire complementa: “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação: no fundo, o nosso sonho.” (FREIRE, 1991, p.43)

A pesquisa também revela a educação ambiental como emergência deste sonho, agente de reconexão e revalorização de uma visão de mundo biocêntrica, possibilidade de fazer emergir a natureza como uma presença na escola. Indicação de outro futuro que precisa ser cuidado, estimulado, garantido e praticado até que deixe de ser uma experiência marginal com pouca voz.

Por outro lado, a partir do material coletado, outros pontos surgiram, foram observados, mas não puderam ser aprofundados na análise desta dissertação. A meu ver, o mais importante deles foi a utilização em larga escala dos venenos agrícolas que prometem, em curto prazo, maior produtividade da terra e comprometem a vida que há no solo. Novamente, a prática cíclica de alternar os roçados e o que se planta neles, a agricultura para subsistência, integrada ao que está ao seu redor, respeitando e conhecendo os limites da terra, foi sendo ativamente calada pela ideia linear de produtividade vendida junto com os aditivos químicos e as sementes transgênicas.

Esta preocupação apareceu mais de uma vez na fala dos professores, associando a permanência das crianças na escola – e seu afastamento da natureza – à possibilidade de poupá-las deste convívio com os venenos agrícolas, que hoje sabemos ser causa de doenças graves. Seria esta outra maneira de novamente associarmos a natureza ao local do perigo e, com isso, nos mantermos distantes dela?

O que afirmo aqui é que esta noção de pessoa separada de seu espaço não se sustenta mais. Em função deste estudo fui entendendo a importância da educação ambiental se fazer em um cotidiano que pratique conhecimentos úteis às dificuldades que enfrentamos e que enfrentaremos, tanto no nível social, contribuindo para uma consciência política e solidária, quanto ambiental, formando as crianças para encontrar soluções para crises de petróleo, alimento, energia, e ainda pessoalmente, pois precisamos aprender a viver com menos e melhor.

Aprender, por exemplo, com quem sabe viver sem destruir. É preciso amar a natureza ou basta desenvolvermos competências básicas para sua preservação? Qual o papel da escola nestes tempos difíceis? As crianças das Tierras de Niños no Peru³¹, por exemplo, a partir da experiência de cuidar de um pedaço de terra, estão aprendendo a tomar uma decisão pensando no que é melhor para elas, para suas comunidades e para a natureza, ao invés de escolherem o que é mais barato, o que é mais fácil ou o que traz resultado mais rápido, como nos foi ensinado.

Em alguns momentos desta pesquisa, me perguntei por que as questões sobre a relação das crianças com a natureza se estendiam, separando a observação da vida e da escola e reeditavam um modo de conhecer e fazer pesquisa ancorados no pensamento dicotômico. Por que não perguntar somente sobre a relação das

³¹ Ver WWW.mundodeania.org

crianças com a natureza? Mas não foi necessário muito tempo de observação para perceber que a escola se relaciona muito pouco com a natureza. Poderíamos dizer que é a própria escola, enquanto formadora de sujeitos e realidades, que se coloca separada da vida comunitária e da natureza?

O desrespeito à natureza é ensinado e aprendido nas escolas de todos os graus porque os currículos estão, em geral, orientados por um paradigma antropocêntrico que se relaciona com a natureza através de sua exploração. Esta escola, que serviu à revolução industrial e à revolução burguesa, não é mais sustentável no cenário contemporâneo. No entanto, a escola pode ser fundamental nesta transição para a vida sustentável. Mas como transformá-la? Será que ainda estamos diante de uma questão de conhecimento ou informação? Ou a grande maioria já sabe que é preciso transformar a escola?

Parece que antes de pensarmos e planejarmos conhecimentos necessários, teremos que sensibilizar o olhar, como ferramenta primeira com a qual nos relacionamos com o mundo. Uma sensibilização que passa por tecer novas metodologias pedagógicas que assegurem a materialização desse direito que é o convívio com a natureza e pela valorização da produção coletiva de um mundo melhor. Buscar coerência entre o que pensamos, o que falamos, o que sentimos, o que vivemos e o que fazemos e resgatar, com isso, uma relação amorosa e solidária na escola.

De acordo com Maturana, a solidariedade é forma de amor ao outro. Por exemplo, na escola da Ponte³², em Portugal, há uma comissão de ajuda permanente, que existe para solução de conflitos, para apoiar os recém chegados, iniciá-los numa cultura de liberdade, de valorização das diferenças, de recusa da competição e da hierarquia e de contemplação da complexidade das relações na vida.

É preciso compartilhar conhecimentos buscando o benefício de todos os seres. Pois essa esfera dos valores enfatiza nosso potencial ético que precisa ser praticado cotidianamente até que se torne realidade em nossos espaços de convivência. Praticados como conhecimentos úteis.

É preciso reconhecer nossas imperfeições na construção de outros caminhos, pois o que é novo pode parecer frágil. Se na análise da situação atual aparecem aspectos da crise, da escassez, do desmatamento, das tristezas, ao pedir

³² Ver <http://www.escoladaponte.com.pt/>

aos professores que redesenhassem o futuro, surgia integração. É preciso ouvir os desejos, os sonhos, e deixar que nos potencializem. As crianças, por exemplo, pedem liberdade. A brincadeira – esta atividade central em nosso desenvolvimento humano – virou uma ausência tolerada entre as crianças, mas facilmente pode ser reafirmada como prática de bons encontros.

Por tudo isso, este trabalho convida os leitores, educadores, pais e escolas à incorporação desta temática às suas práticas educativas, apontando a necessidade de repensarmos a importância da natureza para o desenvolvimento integral das crianças, se queremos escolas que contribuam para a qualidade de vida delas, assegurando o bem estar e a felicidade como direito de todos os povos, seres e espécies.